

Mais vale um anarquista do que um capitão!

Ramón Casals

Ontem: recordamos ainda os dias de luta pré-revolucionária que mantivemos os anarquistas contra todos os estamentos sociais que se recriavam às custas do povo trabalhador e que, em franca camaradagem, gregos e troianos concordavam que nossas ideias tinham que ser pisoteadas e tinham que ser perseguidos os que as defendiam.

Ainda pesa em nossas organizações as “úlceras” produzidas pelas botas militares. Porque mais do que ninguém são os militares os que, servindo à igreja e à burguesia, tinham que lidar com nosso movimento. Se não, recordais: 1909, Francisco Ferrer; 1917, a greve da Canadense; 1922 e 1923, Anido, Ariegui e Primo de Rivera; 1928, Berenguer; 1932, movimento anarcossindicalista de Figols; 1933, 8 de janeiro e 8 de dezembro; 1934, 6 de outubro. Astúrias.

Recordais também a Ramón Franco, que esteve em Villa Cisneros para saudar os nossos companheiros deportados. Sua visita foi recebida por nossos companheiros anarquistas e antimilitaristas com verdadeira indiferença. “Recordais Franco!”, e notareis como vosso coração vos impele a recordar os ensinamentos de Fermín Salvochea e sentireis mais do que nunca que vossa consciência vos diz: “Abaixo o militarismo!”.

Hoje: por isso, não podemos, sob nenhum pretexto, tolerar que dentro de nossos meios se reproduza a praga que mais nos afetou, isto é: o militarismo! Que pensem e pratiquem esta ideia os antifascistas que não pertencem a nos-

Mais vale um anarquista do que um capitão!

sos meios, passa; mas nós, que estamos na coluna “Terra e Liberdade”, não. Porque tolerá-lo seria humilhar a nós mesmos e às nossas ideias. E isso, nunca. EM VEZ DE UM CAPITÃO, VALE MAIS UM ANARQUISTA!

Publicado originalmente no jornal *Solidaridad Obrera*, de Barcelona, Ano VIII, Época VI, Nº 1476, em 05/01/1937. Tradução de Clayton Peron a partir da versão original.

Ramon Casals Orriols nasceu em 06 de novembro de 1908 na cidade de Berga (Catalunha) em uma família humilde composta por um pai operário e uma mãe doméstica e crente fervorosa. Teve uma educação religiosa na escola local que abandonou aos onze anos de idade, após a morte da mãe, dedicando-se desde então ao trabalho na indústria têxtil. Na fábrica estabeleceu contato com Juan Bonilla, operário libertário andaluz, e filiou-se à Confederação Nacional do Trabalho (CNT). Logo passou a se dedicar à luta sindical e conheceu o pensamento de mestres como Tolstoi, Ferrer y Guardia e Fermin Salvochea.

Durante a ditadura de Primo de Rivera participou da greve do setor em Berguedà e acabou demitido. Teve possibilidade de readmissão, mas recusou-se a voltar ao trabalho sem a readmissão dos demais companheiros. Por sua solidariedade e coerência viu-se obrigado a trabalhar temporariamente em estradas e nas linhas elétricas. Em pouco tempo tornou-se secretário do Sindicato dos Têxteis e voltou aos teares.

Ramon foi preso e recolhido ao Cárcel Modelo por participar da tentativa de proclamar o comunismo libertário durante a IIª República. Ao ser solto participou da criação das Juventudes Libertárias de Berga. Após o golpe fascista de 18 de julho de 1936 Casals imediatamente se envolveu com a resistência e aderiu



à Revolução, logo em suas primeiras horas. Tornou-se presidente do Comitê de Milícias Antifascistas e membro do Comitê Revolucionário de Berga. Algumas atitudes polêmicas levaram-no a ser acusado de fascista: Ramon impediu a destruição de igrejas e obras sacras com o apoio de um grupo de artistas locais e não aceitou fuzilamentos sumários e irracionais em sua cidade. Durante a Revolução foi para o fronte, integrando a Coluna Terra e Liberdade, uma das mais importantes, onde atuou como responsável da saúde e lutou na defesa de Madri e na batalha de Teruel.

Ao fim da guerra civil na Espanha foi levado para a França, onde passou por vários campos de concentração, escapando ao se alistar em companhias de trabalho até ser detido no campo de disciplinamento de Cherbourg. Ficou sob custódia dos alemães e só foi libertado em 1944. Após o término da Segunda Guerra decidiu viver na França e trabalhar como lenhador, profissão que aprendeu nos batalhões de castigo. Manteve-se como militante anarquista mesmo no exílio. Foi responsável pela propaganda libertária, foi representante cenetista regional, participou de vários atos, comícios e congressos do Movimento Libertário Espanhol (MLE) na França, além de sempre apoiar as publicações e organizações de exilados espanhóis. Nos seus

últimos anos atuava junto ao Centro de Estudos Josep Ester Borràs em Berga .

Ramon Casals usava o pseudônimo de *Ramonet Xic*, nome pelo qual era mais conhecido. Assinou diversos artigos em periódicos anarquistas como *El Luchador* e *La Revista Blanca*, em que era correspondente da região de Berguedà. Sempre foi conhecido por suas atitudes pacíficas e racionais, assim como por sua coerência ideológica e bondade extrema até o fim da vida. Seus últimos anos passou em Err (França)(Catalunha), próximo à fronteira com a Catalunha. Morreu em 24 de abril de 2001.

A resistência à militarização durante a Revolução Espanhola

Em outubro de 1936 o Governo da *Generalitat* emitiu um decreto, a ser cumprido a partir de 1º de novembro, que instaurava a militarização das milícias. Tal ação fazia com que, na prática, as milícias operárias de voluntários revolucionários fossem submetidas a um código militar único sob comando centralizado da *Generalitat*. O resultado seria a transformação das colunas populares em um exército regular clássico, muito semelhante aos exércitos nacionais e burgueses de outrora. Após certa resistência por par-

te dos milicianos, em março de 1937, a Coluna Terra e Liberdade aceitou a militarização durante um congresso em Valência. Ramon Casals não concordou com a posição das milícias em colaborar com o governo republicano e decidiu abandonar a Coluna, como milhares de outros homens e mulheres. Ramon voltou para casa.

Mais vale um anarquista do que um capitão! escreveu ele meses antes e manteve sua coerência política. Ao retornar à Berga, assumiu o posto de vice-prefeito, foi conselheiro de provimentos, membro da Comissão Municipal de Refugiados e chegou a ser conselheiro da Generalitat até meados de 1938, quando foi convocado para integrar a 153ª Coluna (antiga *Terra e Liberdade*) como soldado e voltou a frente de batalha.

O pequeno mas simbólico artigo de Ramon Casals, que apresentamos ao público pela primeira vez em português, foi extraído das páginas do

periódico *Solidaridad Obrera*, justamente do período em que é proposto a militarização das colunas e comitês de defesa autônomos. O texto reflete o sentimento e o pensamento de um importante militante anarquista que mesmo em plena guerra civil se negou a participar de um processo que pretendia restaurar as hierarquias e abominações que o militarismo causou e ainda causa no mundo inteiro. Essa posição teve grande repercussão durante os anos de 1936 e, em especial, 1937, levando a grandes debates e cisões dentro do movimento cenetistas e anarquista. Com a vitória da obrigatoriedade da militarização das colunas e exércitos populares o movimento revolucionário sofreu um duro golpe.

Dedicamos essas poucas linhas à memória dos milhões de mortos ao redor do mundo pelas mãos sedentas de sangue dos militares...

Biblioteca Terra Livre